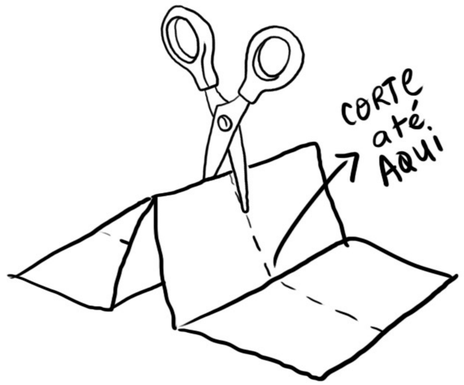
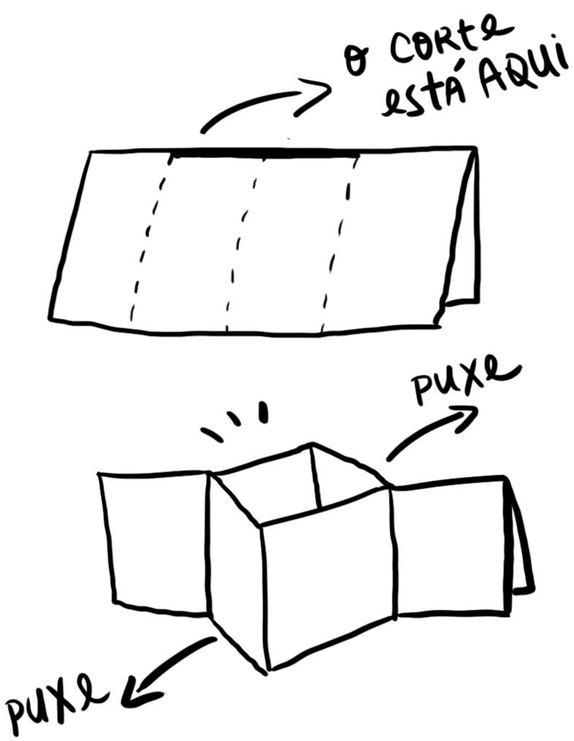
4

Imprima quantas cópias você quiser. Dobre a zine nos 8 pedaços marcados. Chegou a hora de fazer uma incisão cirúrgica, mas será indolor. Junte as duas dobras do meio e abra um pequeno corte, como o indicado na figura.



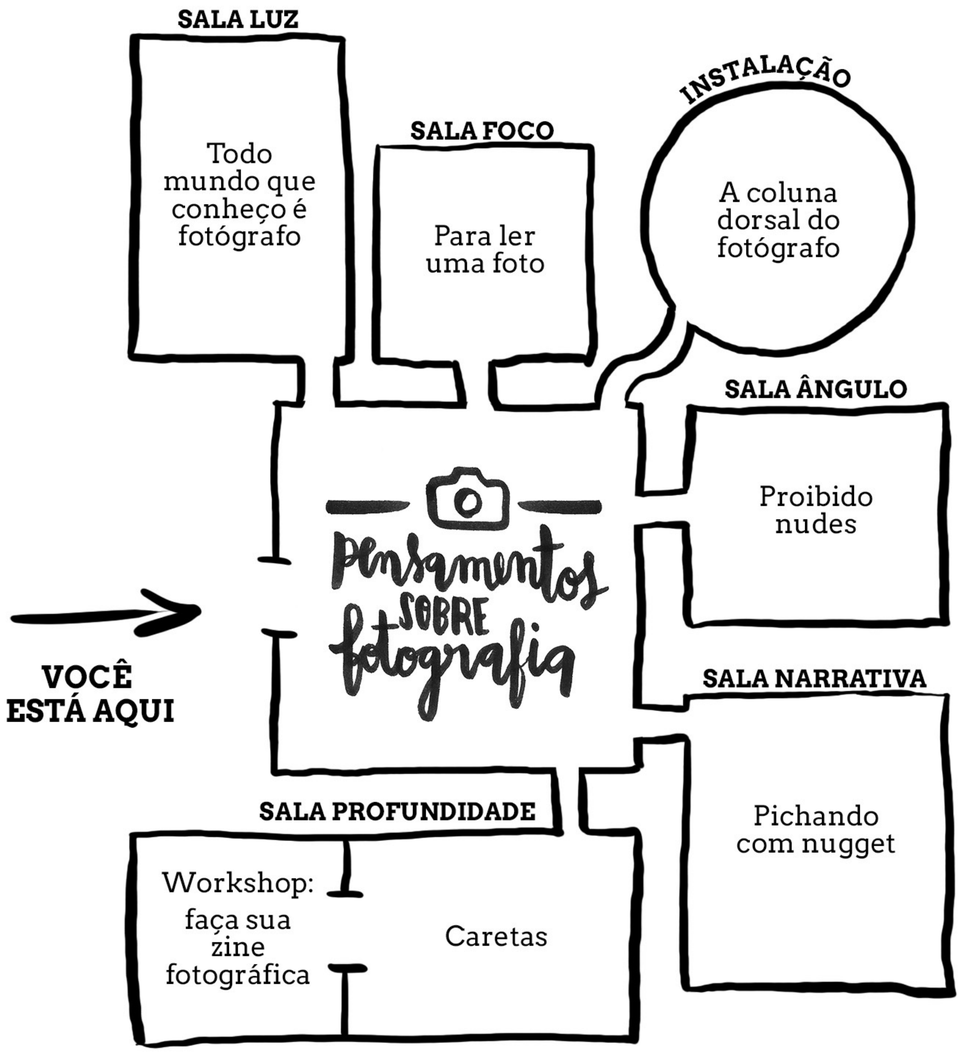


5

Depois, una as pontas e crie uma abertura no formato de um losango. Você terá a sensação de que nada desse passo-a-passo faz sentido, que isso no final das contas não vai virar uma zine coisa nenhuma e que só estou tirando uma com a sua cara. Será? Só fazendo até o final para saber.

6

Aproxime as arestas do losango para fechar a abertura e, por fim, dobre com a primeira página, a da CAPA, virada para você. Ta-da! Zine instantânea. Agora é só ler, distribuir para os amigos, vender no ônibus ou pendurar na porta de casa. Para afastar os maus espíritos.



Todo mundo que conheço É FOTÓGRAFO

Não há retrato melhor da nossa civilização do que o próprio retrato. Estaremos extintos, o planeta engolido pelo Sol, e nossas imagens continuarão reverberando pelo espaço, para todo o Universo ver. Bom, pelo menos caprichamos no ângulo e escolhemos aquele filtro maroto que disfarça nossas olheiras.

Esta exposição surgiu com uma pergunta: como diferenciar um fotógrafo de um compartilhador compulsivo de imagens? A conclusão a que chegamos: não só é inútil definir uma resposta, como essa sequer é a pergunta certa.

Temos um medo absurdo de esquecer. Ou de sermos esquecidos? Tanto faz. Foi essa a nossa motivação para desenvolvermos tecnologias de armazenar memória: a fotografia, a computação, a escrita.

A cada geração, os mais velhos se enfezam com as novidades tecnológicas: "ah, esses jovens, só querem saber de SELFIE", "oh, as pessoas e seus celulares, ninguém mais vive o MOMENTO." Há a história de um personagem de Platão que objeta contra o advento da escrita. Teria achado um absurdo; onde o mundo vai parar? Agora com isso de escrever, ninguém mais vai exercitar a memória, vamos ficar preguiçosos! O irônico é que só lembramos disso porque alguém anotou.

Então talvez não seja o fim do mundo clicarmos compulsivamente tudo ao nosso redor.

Por que fotografamos? Essa nos parece a pergunta certa. Talvez a resposta seja o que o fotógrafo – cada um deles – tenta encontrar através de suas lentes, clique após clique. Por isso nos pareceu adequado buscar a resposta por meio de uma exposição fotográfica. Apenas palavras, talvez, não dessem conta.

Nada pode ser mais rápido que a luz, diz a Ciência. A Fotografia não está nem aí: sai pelo mundo tentando capturá-la em forma de arte. Que coisa linda é ter o poder de parar a coisa

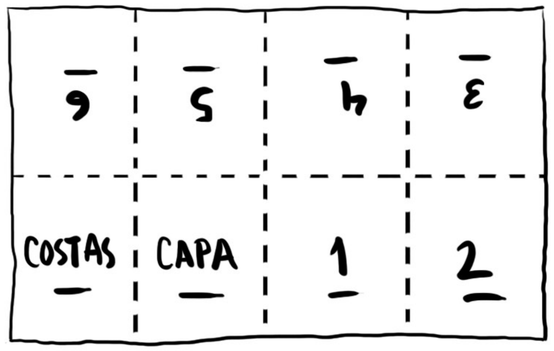
1

Primeiro, junte seus amigos e fotografem uns aos outros, sem a preocupação de saírem bem na foto. Quanto mais caretas, melhor. Experimente fazer perguntas inusitadas antes do clique para obter as caras mais surpresas e engraçadas possíveis.

2

Baixe as fotos para o programa de edição de imagens da sua preferência. Você vai querer as fotos mais assustadoras, então selecione bem. Escreva as histórias contadas na sessão de fotos ou use da sua incrível criatividade para escrever os textos da zine. Lembre-se: é obrigatório se divertir no processo. Em caso de dificuldades, use uma peruca rosa. Com certeza ajuda.

3



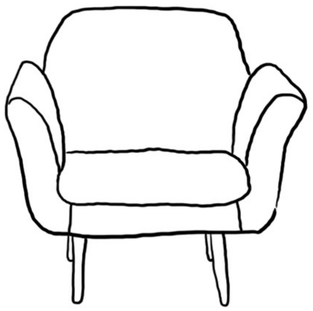
Crie um arquivo do tamanho da sua folha de papel. Divida a página em 8 partes iguais e comece a distribuir as fotos e o conteúdo da sua zine nesses pedaços, seguindo a ordem de numeração do guia ao lado (você pode aproveitar o verso para criar uma imagem grandona).

Faça sua própria
ZINE FOTOGRÁFICA!

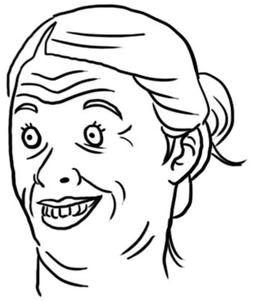
Aproveitando a história da zine sobre as caretas, que tal fazer sua própria zine fotográfica? Vamos lá? Você vai precisar de:

1 celular com câmera

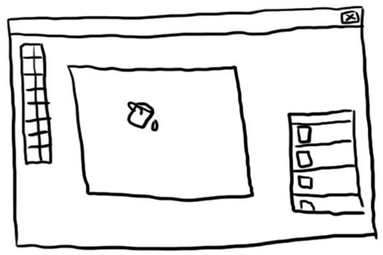
Amigos a gosto



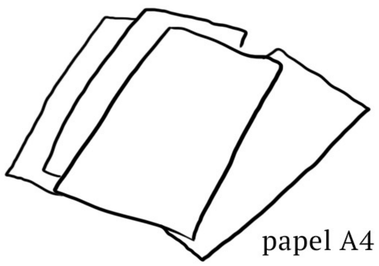
cenário de sua preferência



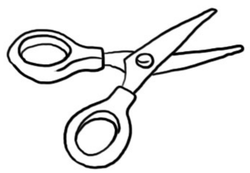
1 porção generosa de caretas



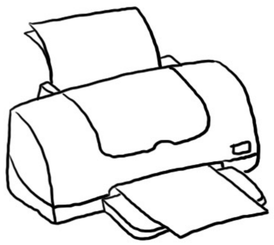
1 programa de edição de imagens



papel A4



tesoura sem ponta



1 impressora (ou a loja de xerox perto da sua casa)

mais rápida do Universo, deixá-la paralisada no tempo para fazer olhos e corações humanos sentirem coisas. Isso explica a nossa fascinação em capturar imagens: a nossa tentativa de ter algum poder sobre a luz.

Ou, mais simples que isso: queremos apenas nos ver e nos lembrar de quem somos. Afinal, estamos sempre apontando a câmera para nós mesmos, para nossa época, nossa cultura, nossa espécie. Toda foto é, no fundo, uma selfie. E, cada um de nós, fotógrafos com a responsabilidade de documentar o que significa ser uma pessoa neste planeta.

"Irmã", 2007

"A necessidade de confirmar a realidade e de realçar a experiência por meio de fotos é um consumismo estético em que todos hoje estão viciados. As sociedades industriais transformam seus cidadãos em dependentes de imagens; é a mais irresistível forma de poluição mental. Não seria errado falar de pessoas que têm uma compulsão de fotografar: transformar a experiência em si num modo de ver. Mallarmé, o mais lógico dos estetas do século 19, disse que tudo no mundo existe para terminar num livro. Hoje, tudo existe para terminar numa foto."

– Susan Sontag, "Sobre Fotografia".

para ler uma FOTO

Para ler uma foto, é preciso colocar os óculos de leitura, que podem ou não estar na frente dos olhos, mas que sem dúvidas devem ser colocados em algum lugar da cabeça, dentro ou fora. Sim, com certeza também é preciso ter uma cabeça, ou a tarefa se revelará impraticável.

Em seguida, deve-se catar com os olhos cada partícula de luz registrada e juntá-las pacientemente, sem deixar faltar nenhuma, sob o risco de ficarem lacunas do tamanho de buracos negros, o que pode arruinar os próximos passos, pois é sabido o que buracos negros fazem com a luz.

Para ler uma foto, é preciso encontrar o personagem, aquele ou aquilo que pratica a ação. Mais ou menos como ler uma frase e tentar extrair dela sujeito e predicado. Nem sempre fotógrafo e leitor concordarão sobre quem é o personagem. Às vezes será uma pessoa, outras será um objeto; às vezes estará em primeiro plano, outras estará no fundo. Às vezes o personagem sequer aparece na foto. Talvez seja até o próprio fotógrafo. Como determinar? Como saber quem está certo sobre a definição do personagem? O olhar. Na dúvida, o olhar sempre está certo.

Para ler uma foto, é preciso ter a coragem de tentar entender o que está acontecendo. Se há um personagem, há uma ação. Olhe para a imagem, espere um verbo esvoaçar perto o suficiente de você e capture-o. O que ele diz? Talvez seja “correr”, “brotar”, “esperar”, ou ainda “soprar”. Pronto, há um caminho.

Já no estúdio, surgiu a ideia: cada um sentaria no banquinho (debaixo dos holofotes) e contaria uma história engraçada ou constrangedora. Enquanto isso, alguém fotografaria. A ideia era a zine trazer essas histórias ilustradas pelas nossas próprias fotos, com as caras mais esquisitas que a gente conseguisse registrar.

Nascia a zine Caretas & Histórias, edição única, tiragem limitada (uma para cada um do grupo, outra para o professor avaliar). Cumpria a função de ser pretexto para tirarmos foto, mas também foi uma ótima forma de nos conhecermos melhor. Metade das pessoas retratadas naquela zine continuaram amigas uma década depois, mesmo depois de saírem de Brasília.

Essas fotos hoje contam outra história: nesse mundo em que todos tentam mostrar apenas seu melhor ângulo e construir uma imagem perfeita e interessante de si, deixar alguém te fotografar fazendo careta, sem medo de mostrar seu lado menos fotogênico, é uma das maiores intimidades que se pode ter com alguém. Nada nos conecta mais do que a liberdade de sermos esquisitos e vulneráveis; e, ainda assim, sermos vistos e aceitos.

CARETAS

“Há quanto tempo vocês estão juntos?” Essa é uma pergunta que consigo responder sem precisar pensar numa exatidão numérica. “Desde a faculdade. 1º semestre.” Sim, faz tempo.

Isso significa que, apesar de eu ser a escritora da casa, estou acostumada a ser a personagem do Marcos. Enquanto organizávamos as fotos que entrariam nesta exposição, percebi o quanto sou frequente nas imagens. Na maioria delas, apareço emburrada, claramente detestando ser fotografada. É, eu não gostava muito de me ver.

Ele não estava nem aí: fotografava mesmo assim, me usava como cobaia para testar técnicas, iluminação, lentes. Um dia, eu estava com sono, cansada, de saco cheio. Mesmo assim posei para ele poder testar a maldita luz. Saí bocejando na foto. Naquele dia detestei. Agora concordamos: a luz estava ótima.

Num dos primeiros trabalhos de faculdade que fizemos juntos, a fotografia estava lá. E as caras esquisitas também. Delamare, professor da matéria de Criatividade, um dos mais inspiradores e queridos que tivemos na faculdade, passou para a turma a tarefa de criar uma zine. Tema livre. Nem parecia trabalho; parecia que nos dava um presente.

A gente não sabia bem o que faria, mas sabia que envolveria fotos. Marcos e nosso amigo Ícaro, os mais fotógrafos do rolê, estavam empolgados: queriam aproveitar o trabalho para usarmos o estúdio e os equipamentos da faculdade, só coisa profissional, que não teríamos acesso de outra maneira.

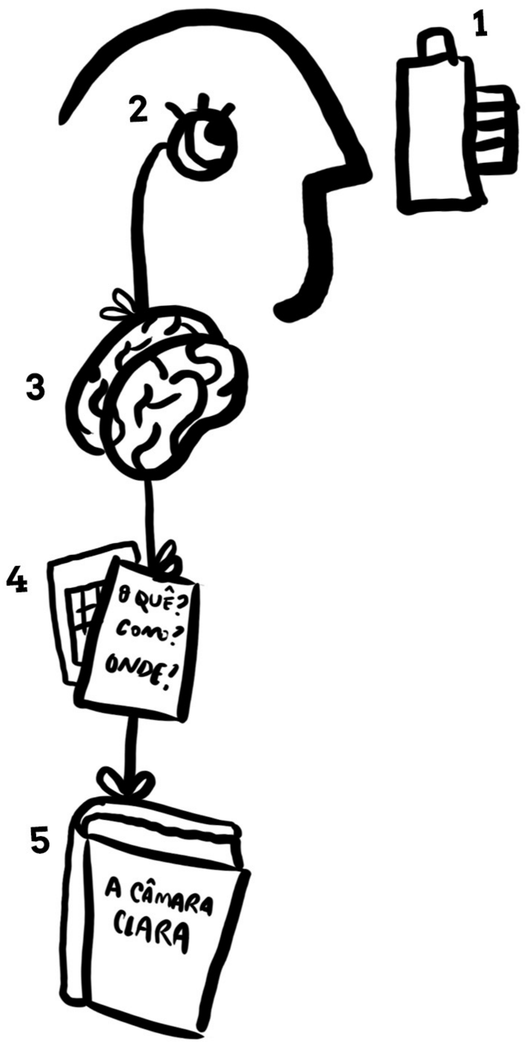
Para ler uma foto, é preciso puxar o fio da ação e do personagem como quem descostura uma calcinha por aquele fiozinho chato que fica solto. Puxe o verbo até desenrolar a história que há em torno dela.

Para ler uma foto, é preciso desfazê-la, desintegrá-la até o átomo, não deixar o mínimo pedacinho. Que o fotógrafo se desespere quando retornar e não encontrar nada. “Céus, alguém viu o que aconteceu com a foto que deixei aqui?”, e responderão “sinto muito, meu chapa, evaporou”. “Mas já virou interpretação? Não se pode piscar os olhos nesse lugar”, etc.

Para ler uma foto, é preciso refazê-la do zero. E, no processo de remontar peça por peça, torná-la sua. Tão sua que você será capaz de descrevê-la como se conhecesse cada detalhe da imagem, como se estivesse no lugar e no tempo em que ela foi registrada. Tão sua que sequer precisará ser saboreada em palavras, porque sobre ela não haverá nada mais a ser dito. A história já estará toda lá.

“Igual sabão”, 2009

A COLUNA DORSAL do fotógrafo



1. MECÂNICA: o clique da câmera pode ser o começo ou o final do processo, depende de você. // **2. PERCEPÇÃO:** os olhos participam do processo; a câmera tenta apenas se aproximar do que a visão achou interessante. // **3. PENSAMENTO**: começamos a atingir outra profundidade. Vemos, temos um aparelho para registrar, e agora também pensamos: como? Por quê? Fotografar com os miolos muda a imagem. // **4. PLANEJAMENTO:** neste nível, por trás do clique, da visão e do raciocínio, ainda há uma intenção. O olho procura mais conscientemente por algo que de fato se quer encontrar. // **5. REFERÊNCIAS:** mais do que registrar com uma máquina, olhos e cérebros, aqui se fotografa também com sua bagagem cultural, referencial teórico, repertório artístico. Os conhecimentos que acumulamos durante a vida são o equipamento mais importante: é o que define nosso critério do que é ou não bonito e interessante de se olhar.

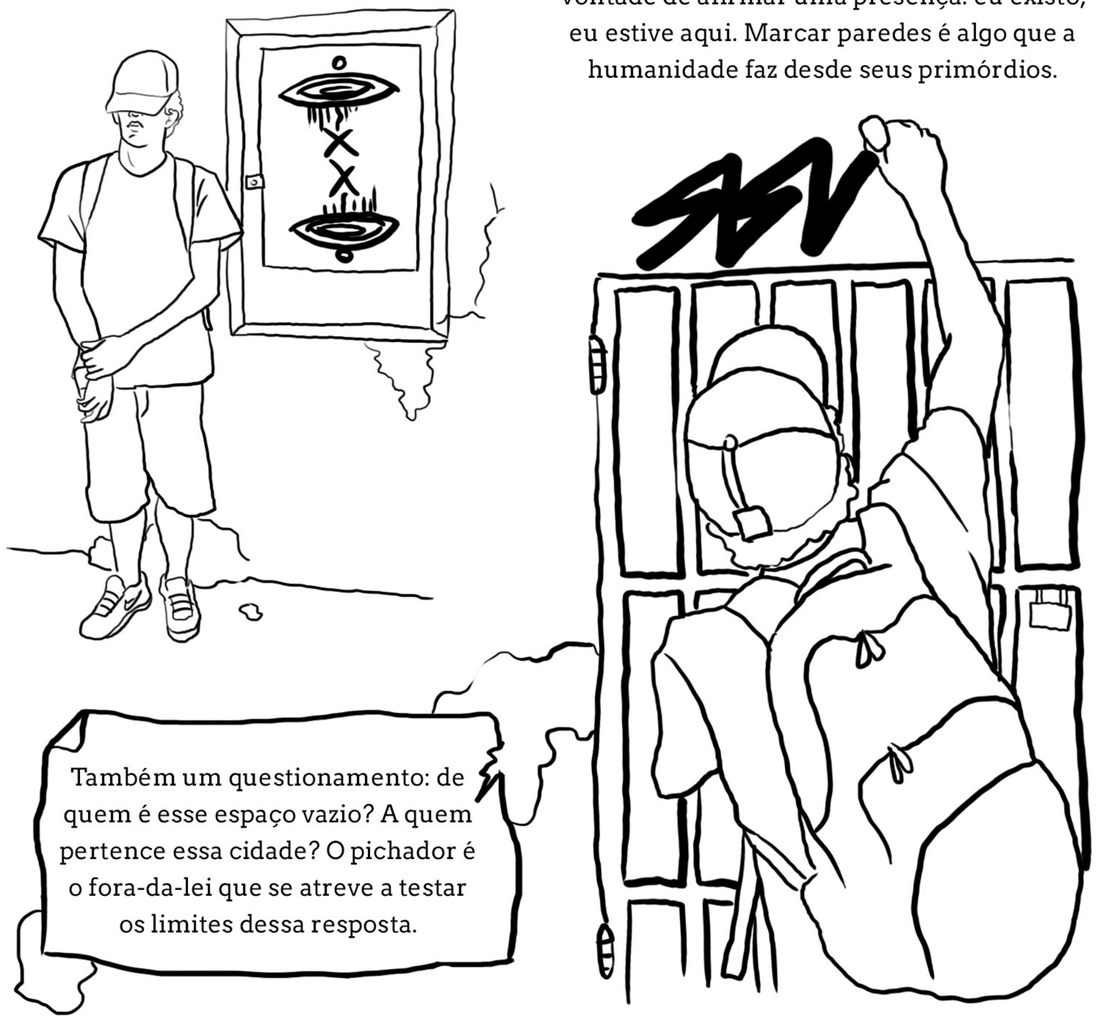
Já era hora de voltar para casa, mas antes passaram num supermercado. Marcos mudou para o modo vídeo e quis gravar um pequeno depoimento.

Stickone não sabia a hora de parar de ser irônico.

No fundo do supermercado, lavaram as mãos sujas de tinta numa pequena pia. Não levaram nenhum nugget.

A exposição de Stickone era a céu aberto. No caminho, encontraram um pôster com sua arte, que ele havia colado outro dia.

Era falta do que fazer sim. Mas também a vontade de afirmar uma presença: eu existo, eu estive aqui. Marcar paredes é algo que a humanidade faz desde seus primórdios.



Ou apenas um agente da zoeira e do caos.

proibido NUDES

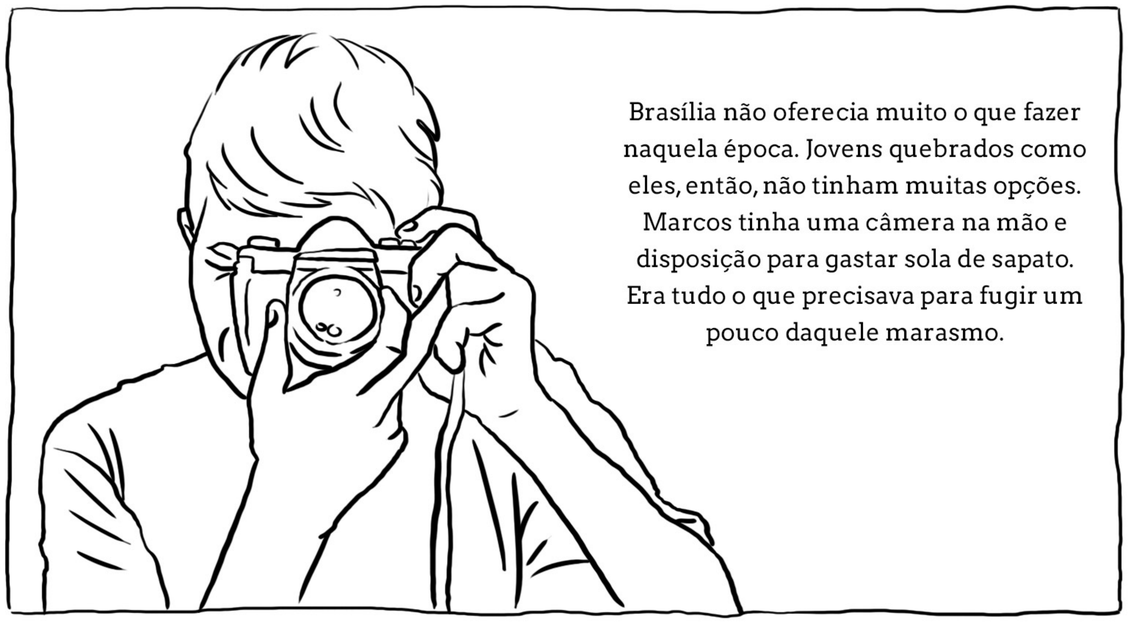
(2008)

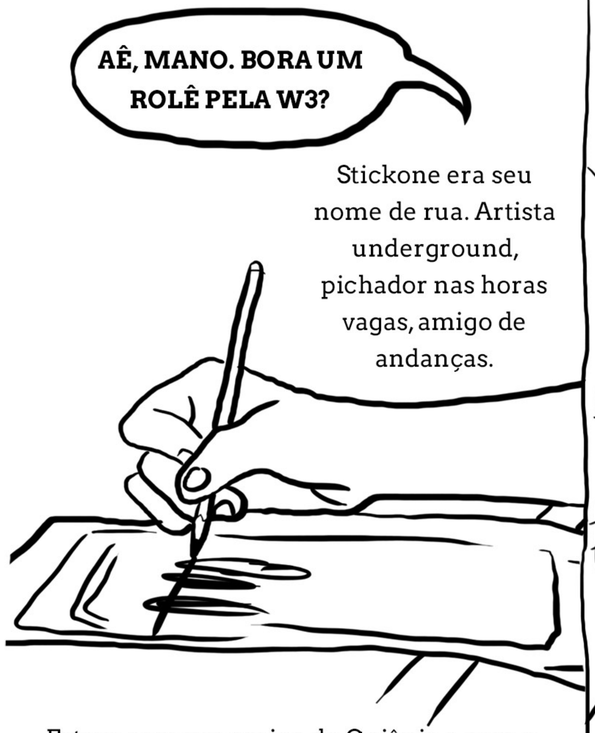
Num dia comum fotografando na Rodoviária de Brasília, o fotógrafo atento tropeça numa história: um grupo de meninos de rua encontra uma revista de mulher pelada. Alguém traz escondido na camisa e leva até o meio do círculo de olhares curiosos. As folhas são novas, brilhantes. Nelas, o corpo nu de uma modelo os provoca e eles riem, apontam, comentam. Não dura muito a diversão: um policial aparece (talvez pensando que um monte de pivetes reunidos não podia ser boa coisa) e enquadra os garotos. A revista fica no chão enquanto o polícia faz a revista. Mão na cabeça todo mundo! De cima, o fotógrafo dispara cliques; num deles se revela um resumo da história. Não se sabe, no entanto, se o policial chega a devolver a revista para a banca de jornais.

"Às vezes a realidade é complexa demais. Histórias dão a ela forma."

– Jean-Luc Godard

PICHANDO COM nugget





Estava com um amigo de Goiânia e com o plano de autografar a cidade. Marcos foi ao encontro deles com o ânimo de um verdadeiro fotojornalista quando sente cheiro de história.

Não levavam caneta, spray, nada disso. Mas sim um tubo de nugget, aqueles de engraxar sapato (pronunciavam nuguéte). Se era para ser clandestino, que fosse clandestino até no material.

O traço ficava grosso, escuro, uma maravilha. Viam uma superfície limpa e iam lá deixar sua marca.

Vandalismo? Sacanagem? O fotógrafo não julga, apenas clica.